

O inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa e a Antropologia: um caso de transversalidade metodológica.

Teresa Marat-Mendes¹, Maria Amélia Cabrita²

Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-IUL, DINÂMIA'CET-IUL,
Av. das Forças Armadas 1649-026 Lisboa, Portugal, Telefone/fax: 00 217903000

(1) teresa.marat-mendes@iscte.pt, (2) m2515@iscte-iul.pt

Resumo

A presente comunicação expõe os resultados de uma investigação em curso conduzida pelas autoras desta comunicação, cujas primeiras abordagens permitiram identificar no *Inquérito da Arquitectura Regional Portuguesa* uma importante fonte de informação para o aprofundamento do estudo da morfologia urbana em Portugal (MaratMendes e Cabrita, 2015).

Assim, partindo dos primeiros resultados dessa investigação, que permitiram identificar a realização de uma sistematização de carácter tipo-morfológico em Portugal, nos finais da primeira metade do século XX, conduzida por Arquitectos Portugueses que participaram na realização do Inquérito atrás referido, através de um confronto com as abordagens morfológicas em uso pelos geógrafos portugueses à época, e identificadas pelas autoras desta comunicação, torna-se agora oportuno aferir que metodologias foram utilizadas pelos Arquitectos, bem como quais as suas eventuais partilhas com métodos conduzidos por outras áreas disciplinares, nomeadamente a Antropologia. No sentido de responder ao objetivo atrás exposto, esta comunicação expõe os resultados de um estudo comparativo das abordagens metodológicas conduzidas por Arquitectos e Antropólogos nas suas análises a um território específico, cujo interesse partilharam durante um mesmo período temporal. O território em apreço refere-se à aldeia de Rio de Onor e aldeias circundantes, que se localiza no noroeste de Portugal. Especificamente, na região identificada como Zona 2 do *Inquérito da Arquitectura Regional Portuguesa*.

O confronto da abordagem metodológica identificada para os Arquitectos e Antropólogos, contemporâneos à realização do Inquérito, leva-nos a concluir pela existência de uma partilha de metodologias que nos propomos aqui a identificar, e que incluem alguns denominadores comuns, nomeadamente a observação directa, a utilização de dados de outras disciplinas, a reflexão e sistematização e a incidência na *obra colectiva*.

Julgamos igualmente importante reflectir sobre o facto de a abordagem metodológica atrás identificada, para os Arquitectos da Zona 2 do Inquérito ter sido central na preparação das soluções propositivas apresentadas por alguns desses arquitectos ao 10º Congresso dos CIAM, em 1956. Configura-se assim a existência de uma transversalidade metodológica, praticada pelos Arquitectos, comum às abordagens dos Antropólogos, contudo vocacionada para aspectos propositivos do projecto; procurando responder por um lado à contemporaneidade dos problemas colocados e com conhecimento das condições locais, nas vertentes do ambiente físico e humano, que também hoje constituem questões prementes na prática profissional de todos os agentes da intervenção na cidade e no território, nomeadamente os arquitectos.

Palavras-chave

Inquérito; Método; Análise; Arquitectura; Antropologia.

1. Introdução

O estudo dos assentamentos humanos (habitat humano) e a sua respectiva forma urbana constituem autênticos laboratórios de análise quer para o entendimento das razões que estiveram sua génese e sustentaram a sua evolução ao longo do tempo, mas também enquanto receptáculos de lições para opções futuras de intervenção no território.

A morfologia urbana, enquanto ciência que estuda a forma física dos habitats humanos (Moudon, 1989), internacionalmente reconhecida desde a fundação do *International Seminar on Urban Form* (ISUF) em 1994, foi fundada por um grupo de estudiosos europeus de diversas origens geográficas (maioritariamente europeus – Italianos, franceses, alemães e ingleses) e disciplinares (maioritariamente geógrafos, arquitectos e historiadores), enquanto área de conhecimento que pretendia principalmente contribuir através de apoio metodológico para o estudo das formas urbanas, apoiando-se na construção de metodologias que permitissem essa mesma abordagem, conforme referido por Anne Vernez Moudon na sua entrevista guiada por Rosaneli *et al.* (2009).

Passadas duas décadas desde a fundação do ISUF, a morfologia urbana continua a merecer reflexões, incluindo dos seus membros fundadores no que concerne ao próprio significado de morfologia urbana mas também acerca do valor substantivo do seu contributo enquanto área de saber (Conzen, 2013), ou até disciplinar conforme proposta por Kropf (2014), mas que apesar de tudo é sobejamente reconhecida como de valor interdisciplinar (Whitehand, 2012).

A fundação da morfologia urbana é construída a partir dos contributos de distintas áreas disciplinares, e em particular através da arquitectura, da história e da geografia. A leitura de eventuais contributos metodológicos, transdisciplinares, para a Morfologia Urbana já nos foi indicada por Whitehand (2007), nomeadamente no que concerne às vantagens na aproximação entre a 'Escola' de Conzen e a 'Escola' de Muratori para o aprofundamento do estudo morfológico da região, através da importação do conceito de tecido por via da disciplina de arquitectura, para benefício da própria disciplina de geografia, conforme já identificado por Marat-Mendes e Cabrita (2015). Todavia, o facto de a morfologia urbana se fundar sobre distintas áreas disciplinares, também elas científicas, tem exigido por seu lado especialização de saber dentro de cada uma destas áreas, que por ser conduzido maioritariamente de forma isolada, confinada aos seus respectivos territórios disciplinares, tem contribuído em nosso entender para que efectivos exercícios transdisciplinares sejam difíceis de se concretizarem ou então são em menor número. Será portanto um desafio para a Morfologia Urbana amadurecer e levar mais longe a defesa de uma transdisciplinaridade efectiva, através da produção de sínteses de conhecimento entre áreas disciplinares distintas, incluindo não só a arquitectura, a geografia e a história, mas também todas aquelas que tenham como interesse comum o estudo dos habitats humanos. E nesse caso, longe de qualquer proposta de formulação disciplinar ou indicação de escolas de abordagem específica, que por vezes se revestem de discursos ideológicos conforme também testemunhado por Conzen (2013), entendemos ser importante que a Morfologia Urbana se mantenha como um campo de conhecimento de cariz interdisciplinar, aberto a todas as eventuais áreas

disciplinares interessadas pelo entendimento dos habitats humanos e das suas formas urbanas ou formas construídas, capaz de gerar conhecimento metodológico construído sobretudo de forma transdisciplinar. É precisamente no âmbito da oportunidade transdisciplinar que a morfologia urbana oferece, que as autoras desta comunicação procuram identificar nos contributos metodológicos de arquitectos e antropólogos, as bases morfológicas que nos parecem ter sido de interesse comum e que contribuíram para o estudo dos habitats humanos analisados por estes mesmos intervenientes, procurando ao mesmo tempo identificar quais as linhas de interesse e metodológicas comuns às duas áreas disciplinares em questão, a Arquitectura e a Antropologia (Etnografia).

Pedidos feitos no sentido de se promoverem estudos transdisciplinares tem sido solicitados por alguns dos fundadores do ISUF, nomeadamente por Jeremy Whitehand (2012). Também Anne Vernez Moudon, desde 1994, no seu exercício comparativo das diferentes Escolas de Morfologia Urbana reconhecidas pelo ISUF, testemunha o contributo da construção das abordagens metodológicas resultantes deste exercício transdisciplinar, enunciando por seu lado uma nova área de conhecimento dentro da própria morfologia urbana, nomeadamente a tipo-morfologia (Moudon, 1994). Mais recentemente, aplicações práticas de algumas das abordagens metodológicas mais largamente difundidas pelo ISUF (abordagem histórico-geográfica de Conzen e a abordagem tipológica da escola Italiana), tem permitindo exercícios de análise de avaliação comparativa com abordagens metodológicas como as *shape grammars*, *space syntax* entre outras (Oliveira *et al.*, 2015; Gil *et al.*, 2012). As áreas disciplinares que utilizam estas análises comparativas e transdisciplinares continuam a ser a arquitectura e a geografia primordialmente, apoiadas em ferramentas informáticas como o *Autocad*, o *Space Syntax*, e o *SIG-Sistemas de Informação Geográfica*, que as novas tecnologias permitiram actualizar e a agilizar em uso.

Apesar dos avanços destes contributos na formulação de novas abordagens metodológicas que enriquecem sem dúvida a morfologia urbana, conforme atrás testemunhados, julgamos que o enfoque destas análises, apoiadas pelas ferramentas analíticas que as apoiam, e o carácter fundamentalista que o conhecimento gerado por via da especialização exclusiva dentro de uma só área disciplinar, ou até isolamento de abordagens morfológicas por Escolas, tem inibido todavia que a morfologia urbana usufrua do contributo do exercício da transdisciplinar com áreas disciplinares distintas daquelas que estiveram na sua origem, oriundas das ciências sociais ou humanidades por exemplo.

Após exercício semelhante que as autoras deste artigo conduziram já entre a arquitectura e a geografia (Marat-Mendes e Cabrita, 2015), ensaiamos nesta comunicação uma tentativa de cruzamento entre a Arquitectura e a Antropologia. Julgamos assim, poder contribuir para o enriquecimento transdisciplinar dentro da morfologia urbana, procurando responder de forma mais equilibrada com um maior número de áreas disciplinares que para ela concorrem, e potenciando por seu lado novas leituras e eventuais abordagens metodológicas apoiadas numa análise transdisciplinar comparativa, rigorosa e sistematizada, como aquela que aqui propomos, para que possa eventualmente transmitir de forma pragmática os seus contributos conforme aqueles potencializados pelas vantagens das novas ferramentas tecnológicas.

A morfologia urbana, enquanto ciência que estuda o tecido físico construído, as pessoas e os processos que a moldam, conforme sistematizado por Moudon (Rosaneli *et al*, 2009) engloba em nosso entender três dimensões específicas a saber: (1) a física, aquela que reflecte a dimensão material e formal, espelho ultimo da construção física de todas as vontades; (2) a social, aquela que reflecte a dimensão humana que viabiliza a materialização da dimensão física da forma construída; e a (3) cultural, i.é., aquela que congrega todo o complexo de conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

É precisamente no interesse dedicado à terceira dimensão atrás identificada, a cultural, que identificamos nas áreas disciplinares das ciências humanas mas também ciências sociais, como a Antropologia e a Geografia por exemplo, uma área de interesse comum no que concerne ao estudo dos habitats humanos, apoiadas todavia pelas suas respectivas ferramentas e abordagens disciplinares. O mesmo identificamos para a Arquitectura, que no entanto sugere ser mais flexível devido ao interesse próprio de cada uma das áreas científicas que para ela concorrem, incluindo as tecnologias, as artes, as sociais, mas também as humanidades.

A dimensão cultural que a Morfologia Urbana integra representa uma área de investigação presente nas escolas de Conzen e na Escola Italiana, conforme já testemunhado por Moudon (1994), mas que requer todavia maior desenvolvimento, uma vez que em nosso entender, não tem acompanhado em idêntico ritmo de desenvolvimento metodológico os avanços que se tem verificado no que concerne à dimensão física da Morfologia Urbana.

2. Condições gerais e metodologias de implementação do *Inquérito*

A génese do Inquérito da Arquitectura Regional Portuguesa (Amaral 1999 [1947] e as peripécias da sua implementação, foram já bastante divulgadas.

Para efeitos operacionais, e sob a liderança de Francisco Keil do Amaral (1910-1975), o país foi dividido em seis zonas, correspondendo, grosso modo, a divisões administrativas, mas procurando adaptações regionais. A distribuição foi feita por equipas de três arquitectos, sendo alguns tirocinantes. Os objectivos, a metodologia, incluindo a organização, os recursos a fornecer, a retribuição e os resultados pedidos, estão expressos, na generalidade, no Decreto nº 40 349 de 19 de Outubro de 1955; no documento 'Planificação', não publicado, elaborado no Sindicato dos Arquitectos Portugueses, e que contém as indicações que foram seguidas, com adaptações de circunstância, por cada equipa (Marat-Mendes e Cabrita, 2015, 82). Fotografias e desenhos, são os registos da observação directa, em visitas aos locais, com cujos resultados não se pretendia fazer inventário, nem seleccionar o pitoresco ou o monumental, mas sim estudar as raízes regionais que explicassem a diversidade das construções e dos aglomerados. Ficamos também a saber, pelo documento, a cartografia que foi fornecida então aos arquitectos para elaborar o Inquérito atrás referido.

O enquadramento do Processo do Inquérito, nacional e internacional, bem como o respectivo impacto e consequências, têm sido objecto de abordagens de estudos que se centram, ou adoptam pontos de vista relacionados, nomeadamente, com o percurso da arquitectura moderna em Portugal (a visão, também generalista, historiográfica, da História da Arte e da Arquitectura), cruzada em alguns casos com a emergência de novas vias, fundadas na corrente de crítica ao Movimento Moderno (Montaner, 1997). De assinalar também os registos descritivos, que nos devolvem, em alguns casos, testemunhos coevos importantes ou dos próprios protagonistas do processo (Dias, 2013) e os estudos centrados em figuras relevantes da cultura arquitectónica nacional, como é o caso de Fernando Távora e da Escola do Porto, face ao seu envolvimento em todo o processo e respectiva continuidade, com as implicações, não só no próprio ensino da Arquitectura, mas também no percurso projectual, individual e colectivo. Os aspectos interdisciplinares do trabalho dos arquitectos do Inquérito, também têm sido abordados, e mesmo aprofundados, no que respeita, por exemplo, à Geografia e Morfologia urbana (Marat-Mendes e Cabrita, 2015), conforme referido.

Relevam-se, no estudo em curso, os argumentos e reflexões que fazem do Inquérito um acontecimento fulcral na cultura e identidade portuguesas, através das disposições metodológicas e resultados do trabalho dos arquitectos, destacando justamente o contributo da metodologia transdisciplinar praticada no Inquérito. Em 'A Escolha do Porto' (Fernandes, 2010), o autor faz convergir na realização do Inquérito toda a trama de causas e efeitos que permitem a consolidação, não só da Escola do Porto, centrada na figura de Fernando Távora, como também de uma orientação projectual que vai dar origem, a partir da influência de obras iniciais de Távora, a uma corrente arquitectónica e cultural que culmina em percursos profissionais e de reconhecimento internacional, como é o caso de Siza Vieira.

O período após a Segunda Grande Guerra vem trazer novas formas de pensar à arquitectura e urbanismo, a par com uma abordagem diferente para com o ambiente construído, num clima crescente de crítica ao Movimento Moderno, patente, nomeadamente na sequência dos CIAM que vai levar à ruptura final entre os membros daquela organização, em 1959 (Mumford, 2000). Embora seja significativa a participação de Portugal no CIAM X, em 1956, através do CIAM Porto, equipa liderada por Fernando Távora, Viana de Lima e Octávio Lixa Filgueiras (Lima *et al*, 1959), com um trabalho que aproveita a experiência da pesquisa em curso no Inquérito, divergiam substancialmente os pressupostos e objectivos do projecto apresentados pelos arquitectos portugueses e a orientação seguida pelo TEAM X: enquanto aqueles advogavam a conciliação entre o vernacular e o moderno, nos contributos essenciais de cada um, convergindo em soluções verdadeiramente "modernas", os membros dissidentes dos CIAM procuravam novas soluções, virtualmente independentes, tanto do legado moderno como do vernacular (Filgueiras, 1959). Estabelecer uma Carta do Habitat era um objectivo que nunca chegou a concretizar-se pelos CIAM. Já no CIAM IX (Aix-en-Provence, 1953), a proposta de Alison e Peter Smithson afirmava a sua divergência, mas ao mesmo tempo considerava que uma realidade social diferente da anterior pedia soluções novas, na busca de uma re-identificação, (Mumford, 2000, 234-235), eludindo qualquer ideia de continuidade, tanto social, como cultural ou material.

3. Arquitectura e Antropologia

No capítulo IX da sua obra, Montaner (2001, 127-138) vai incidir o seu estudo dos condicionalismos e evolução da arquitectura depois de 1945, sobre a influência de disciplinas como a Antropologia e a Etnologia no configurar de novas ideias e movimentos. Da análise apresentada pelo autor, mas também através de outras situações e reflexões, pode concluir-se que o olhar da Antropologia esteve presente na viragem que marca a História da Arquitectura no pós Segunda Grande Guerra, tendo como pressuposto o questionamento do estilo internacional, a ameaça da massificação da tipologia habitacional, o apagamento progressivo dos vínculos simbólicos comunitários e dos seus suportes, por um lado; por outro, a busca de soluções informadas, em modo de recuperação, pelas identidades culturais, modos de vida e manifestações materiais e imateriais (construções, artefactos, morfologias dos aglomerados, costumes e culturas locais, regionais), mas consistentes com os valores da arquitectura moderna e os avanços tecnológicos, no sentido de melhorar a vida das populações, em qualquer parte do globo.

3.1. Condicionantes e enfoque metodológico

Prosseguindo os objectivos do estudo em curso, o processo seguido é o da selecção bibliográfica, análise textual e gráfica e síntese comparativa, com utilização de matrizes simples que permitam o confronto e as conclusões finais.

No que concerne ao confronto de metodologias utilizadas pelos autores em presença (Arquitectos e Antropólogos), algumas questões, teóricas e metodológicas se colocam. A primeira, tem a ver com a comum dificuldade em discernir o método seguido e a forma como os autores chegaram aos resultados apresentados (Fernandes, 2002, 24), uma vez que, normalmente, não os expõem.

Como hipótese de partida, pretendia-se aferir da utilização comum de um tipo específico de observação, a participante. No entanto, dever-se-á entrar em linha de conta com as especificidades teóricas e empíricas daquele método (Beaud e Weber, 2007), na medida em que o próprio registo escrito, desenhado, etc., que constitui o 'Diário de Campo' (antecedido de notas de terreno), seja organizado como instrumento de trabalho operativo, num "tríplice trabalho de percepção, memorização e anotação" (Beaud e Weber, 2007, 95). Ainda assim, apercebemo-nos das variantes e combinações que a metodologia geral da observação comporta para diferentes investigadores ou correntes. Assumimos, como princípios do método, ser este *"um modo personalizado de trabalho empírico, chamando o investigador à participação e ao envolvimento, não [dispensando] o cultivo da imparcialidade nem a procura do rigor"*. Na fixação progressiva de todos os aperfeiçoamentos no sentido de ser efectivamente científico e próprio da Etnografia (*ideográfico*), há um aspecto importante, que nasce daquele envolvimento, pois *"exige o confronto e a transformação pessoais.[...] O etnógrafo não sairá, digamos, incólume da experiência que viveu"* (Fernandes, 2002, 24). Nos casos em apreço, os condicionalismos da presente análise prendem-se com o facto de, em primeiro lugar, estes objectos de estudo constituírem, ao mesmo tempo fontes do mesmo estudo. Em segundo lugar, os autores apresentam sobretudo os resultados das pesquisas efetuadas, não se detendo a explicar os

métodos utilizados, sendo mesmo difícil elencar os fundamentos teóricos de base ou até a bibliografia utilizada. Razão para o recurso a outras obras, de outros autores e a testemunhos, de entre os quais destacamos as referências feitas ao geógrafo Orlando Ribeiro nos prefácios e outros escritos (AAP, 1980). No caso da Arquitectura, tornou-se fundamental a publicação recente de um livro da autoria de um dos participantes no Inquérito, o qual permite, pela primeira vez, discernir com clareza os métodos utilizados, para além de fornecer mais motivos de reflexão (Dias, 2013).

3.2. Rio de Onor, objecto de estudo da Antropologia

Rio de Onor é uma aldeia do Distrito e Concelho de Bragança, que integra o Parque Natural de Montesinho; situa-se na fronteira norte com Espanha, morfologicamente irmanada com Riohonor de Castilla (Província de Zamora, Municipalidade de Pedralba de La Praderia), podendo considerar-se como uma mesma povoação que se encontra apenas dividida pela linha fronteiriça dos dois países. Esta realidade, que hoje sobrevive na total permeabilidade social e de circulação (agora sem entraves legais) tomou, até há algumas décadas e com origens ancestrais, um carácter especial, chamando a atenção dos estudiosos. Desde logo o geógrafo alemão Hermmann Lautensach, em 1937, que diz ser um caso singular, pois a aldeia “está cortada ao meio pela fronteira política”, conforme referido por Jorge Dias (1984, 9).

Objecto de estudo de Jorge Dias, desde o início da década de 1950, a aldeia de Rio de Onor já se encontra também referida por Leite de Vasconcellos (1980-1985). Veiga de Oliveira e outros colaboradores vão voltar mais tarde à aldeia e dar nota das transformações observadas (Oliveira, 1975); finalmente, Joaquim Pais de Brito escolheu-a como objecto das suas pesquisas (iniciadas em 1975), que vai utilizar na sua tese de doutoramento em 1989, publicando depois ‘Retrato de Aldeia com Espelho’, (Brito, 1996), registando, decididamente, os últimos vestígios e sobrevivências dos costumes, estruturas e sistemas comunitários da aldeia.

3.3. Rio de Onor, objecto de estudo da Arquitectura

Para os arquitectos do Inquérito da Arquitectura Regional (AAP, 1980), Rio de Onor aparece como uma das muitas povoações do seu itinerário, feito a partir de 1955, sob a responsabilidade do respectivo Sindicato. No entanto, incluída na Zona 2, (grosso modo, Trás-os-Montes e Alto Douro), a aldeia é assinalada com elementos que remetem claramente para um conhecimento mais aprofundado das suas características sociais comunitárias, embora comuns a outras aldeias da mesma região, o que, desde logo, aponta para um conhecimento prévio de pesquisas alheias à arquitectura.

Quando cotejamos os CODA (Curso para Obtenção do Diploma de Arquitecto) posteriores a 1956, de alguns arquitectos, participantes ou não do Inquérito, verificamos que alguns, para além de o referirem, vão incidir os estudos sobre áreas e povoações rurais, nomeadamente Rio de Onor, como é o caso do CODA de Arnaldo Araújo (1957) e de Sérgio Fernandez (1964).

É igualmente importante assinalar que foi o estudo mais aprofundado de Rio de Onor que serviu de base à importante participação dos arquitectos portugueses no CIAM X, realizado em Dubrovnik em 1956, com uma equipa de que faziam parte os responsáveis pela Zona 2. O CODA de Arnaldo Araújo, aqui em análise, vai justamente recuperar esse estudo. Os trabalhos da Zona 2 – Trás-os-Montes e Alto Douro - do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, integrou os arquitectos Octávio Lixa Filgueiras (1922-1996), que conduziu os trabalhos da equipa, e os tirocinantes, arquitectos recém formados, Carlos Carvalho Dias e Arnaldo Araújo (AAP, 1980).

Os trabalhos da equipa Portuguesa que participou no CIAM X, que teve lugar em Dubrovnik, em 1956, e cujos painéis integram parte das análises a Rio de Onor foram posteriormente publicados na Revista Arquitectura em Portugal (Filgueiras, 1959; Lima, Távora e Filgueiras, 1959).

Data	Título da Obra	Autores
1957	Formas do Habita Rural. Norte de Bragança: contribuição para a estrutura da comunidade	Arnaldo Araújo
1959	Tese ao X Congresso dos CIAM	Viana de Lima, Fernando Távora, Octávio Lixa Filgueiras
1959	Aditamento à Grille C.I.A.M. d'Urbanisme	Octávio Lixa Filgueiras
1964	<i>Recuperação de Aldeias: Equipamento Colectivo, Rio de Onor, Bragança.</i>	Sérgio Fernandez
1980	Arquitectura Popular em Portugal	Associação dos Arquitectos Portugueses
2013	Memórias de trás os Montes e Alto-Douro	Carlos Carvalho Dias

Figura 1. Alguns estudos publicados sobre Rio de Onor, por Arquitectos

4. Análise comparativa entre as abordagens dos Antropólogos e Arquitectos

A Figura 2 permite-nos agora uma análise comparativa a alguns dos trabalhos realizados por Antropólogos e Arquitectos, com enfoque em Rio de Onor, permitindo aferir os seus interesses no que concerne aos estudos conduzidos por cada um dos intervenientes em questão, nomeadamente no que concerne aos seus próprios objectivos, objectos de estudo, interesses temáticos e utilidade prevista dos mesmos.

Finalmente, a Figura 3, permite-nos aferir, com base na análise das obras identificadas na Figura 2, de quais as abordagens metodológicas utilizadas por Antropólogos e Arquitectos nas suas análises de Rio de Onor. Uma hierarquia de verificação para cada um dos parâmetros analisados foi também aqui registada. Nomeadamente, parâmetro inteiramente cumprido, parâmetro não cumprido, ou parâmetro sobre o qual podem incidir deduções quanto á respectiva inclusão nos estudos.

	1	2	3	4	5
Título	<i>Rio de Onor Comunitarismo Agro-Pastoril</i>	<i>Arquitetura Tradicional Portuguesa</i>	<i>Arquitetura Popular em Portugal – Zona 2</i>	<i>Formas do Habitat Rural- Norte de Bragança: contribuição para a estrutura da Comunidade (CODA)</i>	<i>Recuperação de Aldeias: Equipamento Colectivo, Rio de Onor, Bragança. (CODA)</i>
Autores/ Funções	Jorge Dias (1907-1973) Margot Dias F. Gaihano Antropólogos/ Artista plástico	E. Veiga de Oliveira (1910-1990), F. Gaihano (1904-1995) Antropólogo/Artista plástico	O. Lixa Filgueiras (1922-1996), Arnaldo Araújo (1925-1982) e Carlos Carvalho Dias (n.1929) Arquitetos	Arnaldo Araújo Arquiteto	Sérgio Fernandez (n.1937) Arquiteto
Datas	Publicado em 1954 com a forma das edições posteriores; resultado de pesquisas iniciadas 1950	Publicado em 1992 com organização final de J. Pais de Brito, reunindo textos e resultados dispersos de investigação iniciada em 1947	Publicado em 1961, pelo SNA. Edições posteriores de 1980, 1988 e 2004 (AAP, OA)	CODA, Escola de Belas Artes do Porto, 1957	CODA, Escola de Belas Artes do Porto, 1964
Contextos	Monografia pensada como parte de um programa extenso de investigação liderado por J.Dias, iniciado com a tese de doutoramento s/ Vilarinho da Fuma (Munique, 1944, publicação em 1948). Integrado no Centro de Estudos de Etnologia Peninsular(1947)	Trabalhos de levantamento da arquitetura popular (regional, tradicional) como investigadores do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular(1947)	Resultado do Inquérito da Arquitetura Regional, decidido e financiado pelo Governo (Dec nº 40 349 de 19/10/1955); liderado por F. Keil do Amaral, constituindo 6 Zonas do País, de norte a sul, cada uma explorada por um grupo de 3 arquitetos, com um chefe de equipa. A Zona 2 tinha à frente O. Lixa Filgueiras.	Arnaldo Araújo utilizou para o CODA o trabalho realizado por uma equipa (CIAM Porto) liderada por V. Lima, F. Távora e O. Lixa Filgueiras aproveitando as pesquisas da Zona 2, incluindo Rio de Onor, como modelo urbano do aglomerado proposto. (Maia 2014 e Dias 2013)	A partir da influência da Arquitetura Popular em Portugal, o arquiteto desenvolve projeto de intervenção concreta em Rio de Onor, colabora com a população no processo de arranjos urbanísticos para a melhoria das condições de vida, com preservação dos valores próprios.
Objetos de estudo	A aldeia de Rio de Onor e Rionhor de Castilla, comunidade rural em toda a sua composição, condições naturais, cultura material, organização e vida social, economia, festas e crenças, arte e cancionero (recolha de Margot Dias).	As construções de habitação e respetivos anexos em todas as regiões do país, rurais e urbanas, com incidência nas formas, pormenores e materiais / processos de construção. Rio de Onor é referido para a região de Trás-os-Montes	Povoações da região (Trás-Os-Montes, Alto Douro), tendo em atenção a sua morfologia, condições naturais e inter-relação, bem como a arquitetura, de habitação e outros edifícios significativos. Rio de Onor é uma das povoações paradigmáticas.	Rio de Onor é referência principal: o objeto de estudo é uma região. Utiliza Rio de Onor e o "valor expressivo da imagem" na montagem de uma seleção do material recolhido, ilustrando algumas dessas formas, aspetos físicos, materiais, humanos .	A aldeia de Rio de Onor, considerando as suas relações regionais e de proximidade com a cidade de Bragança (sede concelhia) e com as outras aldeias mais próximas.

Figura 2. Identificação e caracterização das obras em análise

	1 <i>Rio de Onor Comunitarismo Agro-Pastoril</i>	2 <i>Arquitetura Tradicional Portuguesa</i>	3 <i>Arquitetura Popular em Portugal – Zona 2</i>	4 <i>Formas do Habitat Rural- Norte de Bragança: contribuição para a estrutura da Comunidade (CODA)</i>	5 <i>Recuperação de Aldeias: Equipamento Colectivo, Rio de Onor, Bragança. (CODA)</i>
Parâmetros					
Inclusão de referências bibliográficas/ Explicitação de bases teóricas	◆	◇	◇	◆	◇
Integração/ utilização de dados de outras disciplinas	◆	◆	◆	◆	◆
Inquéritos sistematizados	◇	◇	◇	◇	◆
Inquéritos não Sistematizados	◆	◆	◆	◆	◆
Utilização de informantes	◆	◆	◆	◆	◆
Observação direta (A)	◆	◆	◆	◆	◆
Observação participante (B)	◆	◇	◇	◇	◆
Notas de Terreno e Diário de Campo	◇	◇	◆	◆	◆

Notas:

(A) - Deslocação aos locais do objecto de estudo; Registos escritos; Registos gráficos; Fotografias (B)- Pressupõe permanência prolongada nos locais e integração na comunidade em análise

Legenda:

- ◆ Parâmetro inteiramente cumprido; ◇ Parâmetro não cumprido; ◆ Parâmetro sobre o qual podem incidir deduções quanto á respectiva inclusão nos estudos;

Figura 3. Análise comparativa de aferição de metodologias

5. Conclusões

No sentido de responder aos objectivos enunciados, este artigo após a sua introdução ao tema, onde foi colocada a problemática em apreço, nomeadamente a proposta de análise comparativa às abordagens metodológicas conduzidas por Arquitectos e Antropólogos a Rio de Onor, e a identificação da dimensão cultural como requisito comum nas obras de Arquitectura e Antropologia, no que à Morfologia Urbana diz respeito, procedeu a sua análise com a identificação dos objectos de estudo que estimularam a análise comparativa das abordagens metodológicas para a Arquitectura e a Antropologia que aqui nos propusemos realizar. A identificação e a sistematização das obras em análise sublinham não só o interesse que um determinado território teve tanto para Arquitectos e Antropólogos há aproximadamente 60 anos atrás, mas também como os primeiros tinham conhecimento dos trabalhos dos segundos, e os estes últimos partilhavam o interesse pelo estudo do território em análise, incluindo as próprias casas, onde as populações em questão habitavam. Da análise das obras atrás referidas foi também possível realizar-se um exercício comparativo sobre as metodologias abordadas nos trabalhos conduzidos por Arquitectos e Antropólogos, identificando-se aqui também algumas sobreposições, realçando-se todavia, que na generalidade, embora incidindo sobre os mesmos objectos de estudo, antropólogos e arquitectos diferiram quanto aos objectivos das suas respectivas pesquisas, embora tivessem partilhado a observação directa, com produção de registos, fotografias e desenhos, por vezes idênticos, nas suas abordagens metodológicas.

No que concerne ao espaço do habitar, a casa, tanto antropólogos como arquitectos fixaram-se nos mesmos aspectos e coincidiram nas tipologias a destacar.

Finalmente, a organização comunitária foi objeto de estudo para os Antropólogos, que também destacaram os acontecimentos cíclicos, a organização familiar e outros aspetos que permitissem caracterizar a sociedade, enquanto que para os Arquitectos, estes aspetos só eram considerados se refletissem e explicassem, para as vertentes de 'modos de vida' e 'conotações simbólicas', as construções, a habitação e os equipamentos coletivos (e a própria paisagem humanizada), tomados assim como *objetos da cultura material* de uma comunidade, a preservar, eventualmente ou a ter em conta nas intervenções técnicas e de arquitetura. Confirma-se assim a exploração da dimensão cultural tanto por Antropólogos e Arquitectos, no que ao objectivo do estudo do habitat humano diz respeito, uma das dimensões em análise requeridas pela Morfologia Urbana, conforme sugerido pela presente investigação.

Referências bibliográficas

- Araújo A (1957) *Formas do Habitat Rural- Norte de Bragança: contribuição para a estrutura da Comunidade*. CODA (Concurso para Obtenção do Diploma de Arquiteto). Não publicado. Disponível em: <https://repositoriotematico.up.pt/handle/10405/48094> . [Consulta: 20-05-2014].
- Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP) (1980) *Arquitectura Popular em Portugal*, Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa.
- Beaud S e Weber F (2007) *Guia para pesquisa de campo. Produzir e analisar dados etnográficos*, Vozes, Rio de Janeiro.
- Brito J P (1996) *Retrato de Aldeia com Espelho. Ensaio sobre rio de Onor*, Publicações D. Quixote, Col. Portugal de Perto, Lisboa.
- Cataldi G, Maffei G, Marzot N, Strappa G, Vaccaro P (2005) A contribution of the Italian School of processual typology to the disciplinary foundation of urban morphology, *10th International Seminar on Urban Form*, London.
- Conzen M R (1960) *Alnwick Northumberland: a study in town-plan analysis*, Institute of British Geographers, London.
- Conzen M P (2013) Substance, method and meaning in Urban Morphology, *Urban Morphology* 17 (2), 132-134.
- Dias A J (1984) Rio de Onor Comunitarismo ASgro-Pastoril, Editorial Presença, Lisboa.
- Dias CC (2013) *Memórias de Trás-os-Montes e Alto-Douro nos 55 anos do "Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa"*, Opera Omnia, Guimarães.
- Fernandes, E J C S (2010) *A Escolha do Porto: Contributos para a actualização de uma ideia de Escola*. Tese de doutoramento em arquitetura, Universidade do Minho, Escola de Arquitetura. Não publicado.
- Fernandes L (2002) *O Sítio das Drogas*, Editorial Notícias, Lisboa.
- Fernandez S (1964) *Recuperação de Aldeias: Equipamento Colectivo, Rio de Onor, Bragança, CODA* (Concurso para Obtenção do Diploma de Arquiteto). Não publicado. [Consulta: 20-05-2014]. Disponível em: <https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/48234>
- Filgueiras, OL (1959) Aditamento à Grille C.I.A.M. d'Urbanisme, *Arquitectura* 66, 3-12.
- Gil J, Beirão JN, Montenegro N, Duarte JP (2012) On the discovery of urban typologies: data mining the many dimensions of urban form, *Urban Morphology* 16(1), 27-40.
- Lima V, Távora F, Filgueiras O (1959) Tese ao X Congresso do CIAM *Arquitectura* 64, 21-28.
- Marat-Mendes T, Cabrita MA (2015) Morfologia urbana e arquitectura em Portugal. Notas sobre uma abordagem tipomorfológica, In Oliveira, Marat-Mendes, Pinho (eds.) *O Estudo da Forma Urbana em Portugal*, Edições Universidade do Porto, Porto, 65-94.
- Montaner J M (1997) *A Modernidade Superada. Arquitectura, arte e pensamento do século XX*. Traduzido por Silva, E.P. Editorial Gustavo Gili, Barcelona.
- Moudon AV (1994) getting to know de building landscape: typomorphology, in Franck KA; Schneekloth LH (eds.) *Ordering space: types in architecture and design*. Van Nostrand Reinhold, New York. 289-311.
- Moudon AV (1989) The role of typomorphological studies in environmental design research in *EDRA Conference Proceedings 20: Changing Paradigms*, 41-48.
- Mumford E (2000) *The CIAM Discourse on Urbanisme, 1928-1960*, MIT Press, Cambridge.
- Oliveira E V et al. (1975) *Rio de Onor, 1975*. s.n. ,Lisboa, Separata de *In Memoriam Jorge Dias*.
- Oliveira V, Monteiro C, Partanen J (2015) A comparative study of urban form, *Urban Morphology* 19(1), 73-92.

- Kropf K (2014) Consolidating urban morphology as an independent and auxiliary discipline, *Urban Morphology* 18 (1) 70-72.
- Rosaneli, A, Shach-Pinsly, D (2009). Anne Vernez Moudon. Entrevista, São Paulo, ano 10, n.04001, Vitruvius, out 2009. Disponível online [http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/10.040/3397/pt_BR]
- Vasconcellos J L (1980-1985) Etnografia Portuguesa. Tentame de Sistematização, INCM, Lisboa Whitehand
- J W R (2012) Issues in urban Morphology, *Urban Morphology* 16(1), 55-65.
- Whitehand J W R (2007) Conzenian urban morphology and urban landscapes, *Proceedings of the 6th Internayional Space Syntax Symposium*, Istanbul.